

## Um Resumo de “Os Livros de Kiu-te e os Tantras Budistas Tibetanos”

David Reigle

H.P.Blavatsky, em sua obra monumental, *A Doutrina Secreta*, descreve os livros de Kiu-te como uma série de obras altamente ocultas, algumas das quais são públicas e outras secretas. As públicas estão em mãos de qualquer monastério tibetano Gelugpa, enquanto que as obras secretas incluem o *Livro de Dzyan*, de onde foram traduzidas algumas estâncias para formar o núcleo de *A Doutrina Secreta*. É dito que o *Livro de Dzyan* é o primeiro volume dos comentários sobre os livros secretos de Kiu-te e, ao mesmo tempo, um glossário dos livros públicos de Kiu-te, os quais são obras altamente ocultas, pois toda a tradição budista tibetana as considera como a manifestação dos ensinamentos secretos do Buddha.

[...] *A Doutrina Secreta* fala de sete fólhos secretos de Kiu-te e 14 volumes secretos de comentários, sendo que o primeiro destes comentários é o *Livro de Dzyan*. [...] É dito que grandes Mestres, como Arya Asanga, tiveram acesso a estes livros e alguns deles escreveram comentários citando-os. Por exemplo: o Bodhisattva Vajragarbha, em sua única obra conhecida, um comentário sobre o *Hevajra Tantra*, intitulado: *Hevajrapindarthatika*, cita a versão mais ampla, agora perdida do *Mula (Raiz) Hevajra Tantra*. L. Snellgrove observa que:

“As passagens que este Bodhisattva cita não procedem de um tantra normal, por serem sempre explicativas e doutrinárias e é à esta obra que ele frequentemente faz alusão quando busca o significado figurado de uma passagem.”

Não provêm de um “tantra normal” porque os tantras normais quase nunca são explicativos, o que é muito significativo à luz da declaração de *A Doutrina Secreta* de que os 14 volumes secretos de Kiu-te são comentários e anotações que incluem um glossário das obras públicas homólogas. Como disse o Bodhisattva Vajragarbha em seu comentário:

“segundo se ensina, desta versão abreviada deve-se aprender o significado óbvio, mas o significado real deve ser aprendido por meio do *Mula Tantra*”.

*A Doutrina Secreta* defende que: no passado, a Tradição-Sabedoria universal era a herança de toda a humanidade; porém, grande parte de seus ensinamentos desapareceu da vista pública com o transcorrer da Kali Yuga, a Idade das Trevas. Aparentemente se permitiu que certas obras esotéricas circulassem publicamente por ter um simbolismo impenetrável, impedindo o seu uso por aqueles que não estavam preparados. *A Doutrina Secreta* diz:

“Os *Brahmanas* [...] são obras preeminentemente ocultas, e por isso são usadas, intencionalmente, como véus. Permitiu-se que o seu uso e seu caráter público sobrevivessem somente por serem absolutamente ininteligíveis para as massas. De outra maneira, teriam sumido de circulação desde os dias de Akbar.”

Em alguns casos as obras esotéricas foram sintetizadas, porém as suas expressões permaneciam inalteradas, como diz Blavatsky:

“Os Brahmanes [...] sintetizaram, sem alterar uma palavra, os textos dos *Upanishads* que, originalmente, continham três vezes o material total dos *Vedas* e dos *Brahmanas*.”

Fica claro que as versões dos Livros de Kiu-te atualmente existentes são obras esotéricas verdadeiras e que alguns dos comentários existentes explicam os seus significados velados corretamente. Nesta conjuntura, chamamos a atenção para o relato de Tsongkhapa acerca de seu caminho espiritual, em que busca alcançar uma etapa elevada de consciência baseando-se no *Guhyasamaja Tantra*, presente atualmente no Kanjur, penetrando em seu simbolismo ao lançar mão dos comentários de Aryadeva: *Charyamelapaka Pradipa*, também presente no Tanjur. Este relato é a narrativa pessoal de Tsongkhapa, também conhecido como *A Preparação Propícia*:

“...como guia para o Budado completo existem: O Profundo Veículo Adamantino (Trantra, Kiu-te, rGyud) e o Veículo Paramita (Sutra, Do-te, mDo). É ensinado que a senda do Mantra (Tantra) eclipsa a da Paramita, assim como o Sol faz com a Lua. Alguns consideram isso como verdadeiro, porém não tratam de descobrir o que é o verdadeiro Veículo Adamantino, ao passo que fingem ser sábios. Se desta forma são sábios: quem são mais tontos? É muito surpreendente que alguém colocaria esta senda mais elevada de lado, tão difícil de encontrar. De minha parte, esforcei-me muito em transpor o abismo que é o veículo superior de Jina, mais raro, inclusive, que um Buddha, e que é o tesouro das realizações ocultas.

Os gloriosos Tantras Anuttara são o ápice de todos os ensinamentos do Muni que foram concedidos, e dentre eles, o mais profundo é o *Sri Guhyasamaja Tantra*. Assim disse o ilustre Nagarjuna. O essencial para a senda no tantra básico se apresenta como o caminho das seis alternativas e dos quatro modos. As seis alternativas são: o significado sugerido, o significado evidente, a linguagem do crepúsculo, a linguagem que não é do crepúsculo, a terminologia padrão e a terminologia relacionada. Os quatro modos de explicação são: um significado constante, um significado compartilhado, um significado profuso e um significado último. Conforme se diz: estes se conhecem a partir da instrução oral do guru, seguindo o tantra explicativo. Ao tomar este método como essencial, por muito tempo me dediquei a obras fundamentais como o *Caryamelapaka*, que sintetiza o essencial da instrução oral e dos assuntos

menores do ciclo ária de Samaja. Então, o tantra básico foi se esclarecendo como uma lâmpada. Valendo-me disto, esforcei-me profundamente nos cinco grandes tantras explicativos e em seus bons comentários. Assim, obtive a visão geral e essencial que constitui as duas etapas (de geração e consumação) e em particular, o essencial da segunda.”

[...] Cabe ressaltar que os mesmos Tantras Raiz contêm passagens que, se interpretadas literalmente, seriam imorais ou obscenas. Isto se deve ao fato de terem sido escritos na “linguagem do crepúsculo”, uma espécie de código secreto e paradoxal. Benoyotosh Bhattacharya notou este verso no capítulo 16 do *Tantra Guhyasamaja* e o citou em sua introdução inglesa à sua edição sânscrita do texto em 1931: “Deveria matar os seres vivos, dizer mentiras, tomar o que não lhe foi dado e ir com frequência à companhia de mulheres.”

Os tantras explicativos do Kanjur e os comentários volumosos sobre os tantras, encontrados primariamente no Tanjur, ignoram as interpretações absurdas, adequadas somente para os insensatos, dando, então, explicações filosóficas para a terminologia tântrica. Alex Wayman nota que o famoso comentário de Chandrakirti sobre o *Guhyasamaja*, o *Pradipoddyotana*, não comenta sobre os versos citados por tratar deles em seus comentários ao nono capítulo. Desta seção do *Pradipoddyotana*, Wayman cita estas passagens relevantes que mostram:

“Matar todos os seres vivos significa somente vê-los como vazios [de existência inerente]; dizer mentiras significa as operações do dharma consideradas como ilusórias; roubar significa desvelar a substância divina dos Tathagatas; unir-se livremente com as mulheres significa a transformação imaginativa [visualização] das deidades da mandala em Deusas.”

Alguns dos maiores mestres indianos e tibetanos praticaram e divulgaram os tantras, demonstrando a sua verdadeira senda por meio de suas vidas impecáveis. A Índia, o Tibete, a sua literatura explicativa e as vidas exemplares de seus maiores mestres mostram claramente que os tantras budistas [idôneos e verdadeiros] nada têm a ver com práticas físicas e grosseiras, mas sim com a experiência meditativa interna. Portanto, os Livros de Kiu-te fazem parte do Kanjur, ao passo que os seus comentários se encontram no Tanjur. Juntos, constituem o Cânone sagrado budista tibetano. As traduções tibetanas foram reunidas em duas grandes coleções: Kanjur, que contém a palavra do Buddha e Tanjur, que contém a sua explicação. Este último conta com as obras de grandes autores indianos como Nagarjuna e Arya Asanga.

Em um artigo de Blavatsky (no panfleto “Ensinos Tibetanos”), lemos:

“O Lama Tashi-Lhumpo Rinpoche responde a certas perguntas:

Em nosso sistema, toda descrição de lugares é figurada, cada nome e palavra são velados intencionalmente e antes de dar ao estudante uma instrução ulterior, ele deve estudar a forma de decifrar, compreender e aprender o termo secreto equivalente ao sinônimo para quase cada palavra de nossa linguagem religiosa. O sistema hierático egípcio é brincadeira de criança se o compararmos com a descrição de nossos enigmas sagrados. Inclusive nos textos acessíveis para as massas, cada frase tem um significado dual, um para o profano e outro para quem recebeu a chave dos arquivos.”

[...] Segundo a tradição, Nagarjuna recebeu os textos Prajnāparamita, “A Perfeição da Sabedoria”, dos Nagas, que foram os seus guardiões desde que o Buddha concedeu tais ensinamentos. Pertencem ao segundo giro da Roda do Dharma, resultando na filosofia Madhyamika. O Avatamsaka, um sutra muito longo, conhecido como a “Guirlanda de Flores” em união com Ratnakuta, “a Jóia Culminante”, estão inclusos no terceiro giro da Roda do Dharma, que resultou na filosofia Yogacharya. O próximo grupo, chamado “Sutra”, consiste nos sutras cuja classificação não existe em outro lugar por tratarem, variadamente, dos três giros da Roda do Dharma. A divisão referente ao Nirvana relata a passagem ao Nirvana do Buddha. O último grupo, os tantras, são, obviamente, Kiu-te.

Anteriormente, mencionamos Arya Asanga em relação com a versão extensa dos Livros de Kiu-te que existia em lugares como Shambhala. Benoytosh Bhattacharya relata que:

“De acordo com as tradições tibetanas e chinesas, Asanga introduziu os tantras a partir da terra celeste de Tushita, onde aprendeu com o Buddha Maitreya.”

H.P.Blavatsky nos informa que o céu de Tushita significa, neste caso, Shambala:

“Chagpa-Thog-mad é o nome tibetano de Arya Asanga, o fundador da Escola Yogacharya ou Narjolchodpa. Segundo se diz, o próprio Buddha Maitreya, o Buddha da Sexta Raça, foi o instrutor deste Sábio e Iniciado em Tushita (uma região celestial sobre a qual Maitreya preside), dando à Arya Asanga os cinco livros Champaichhos-nga. A Doutrina Secreta, porém, ensina que Arya Asanga, veio de Dejung ou Shambala, chamada de a “fonte da felicidade” (“a sabedoria adquirida”) e que alguns orientalistas declararam se tratar de um lugar “mítico”.

Os cinco livros mencionados não estão inclusos nos Livros de Kiu-te, mas são os famosos Cinco Tratados de Maitreya: *Abhisamayalamkara*, *Mahayanasutralamkara*, *Madhyantavibhanga*, *Dharmadharmatavibhanga*, *Ratnagotravibhanga (Uttaratantra)*, que se encontram na seção Sutra do Tanjur.

Os tantras estão divididos em quatro grupos principais, dos quais o Anuttarayoga Tantra é considerado como o ensinamento sem paralelos para

quem tem uma natureza direcionada para as práticas internas. Os Livros de Kiu-te são divididos em “famílias” místicas e existem seis famílias: uma para cada um dos cinco Dhyani-Buddhas.

Antes de considerar estas famílias, é necessário conhecer a divisão geral dos Tantras Anuttaryoga na variedade “mãe” e “pai”. Os Tantras mãe tratam dos ensinamentos sobre a “sabedoria” transcendental (prajna) e os Tantras pai ensinam os “meios” (upaya), a compaixão ativa. Os textos do Kalachakra não são considerados nem pai, nem mãe por estarem numa classe própria: “não dual” (advaya).

Cada uma dessas famílias é uma espécie de corrente subterrânea que une coisas diversas, dando-lhes uma aplicação mais universal do que uma simples classificação dessas escrituras.

Estas famílias aparecem pela primeira vez na literatura no texto que se considera como o mais antigo dos Tantras Anuttarayoga: o Guhyasamaja. O seu capítulo de abertura relata, em termos simbólicos, a emanção do universo a partir da fonte primordial ao longo de cinco linhagens fundamentais de evolução. À fonte primordial se dão vários nomes que, segundo o comentador Chandrakirti, todos significam Vajradhara e as cinco linhagens de evolução são as famílias de Dhyani-Buddha.

É possível relacionar as famílias místicas dos cinco Dhyani-Buddhas e Vajradhara com os sete raios aludidos na literatura oculta moderna. T. Subba Row diz que:

“Na hierarquia de Adeptos existem sempre sete classes que correspondem aos sete raios do Logos. Duas das classes destes Adeptos são tão misteriosas e os seus representantes na terra tão raros, que raramente são mencionadas.”

Isto poderia explicar porque se representam somente 5 Dhyani Buddhas em lugar de sete.

Quanto a Vajradhara, Blavatsky diz que:

“Vajradhara, também Vajrasattva, é o Regente ou Presidente de todos os Dhyani Chohans ou Dhyani Buddhas, o Buddha Supremo, em síntese: O Logos do Budismo.”

Portanto, é evidente o valor da classificação de Buston dos tantras budistas em famílias místicas de Dhyani-Buddhas, em outras palavras, nos raios de seus tipos. Cada pessoa deve seguir “sua estrela” em seu caminho de volta para casa e este será diferente para cada uma das sete classes de humanidade.

Portanto, os Tantras Budistas, os manuais ocultos do Tibete, foram classificados segundo estas várias sendas, permitindo que cada pessoa

encontre, mais facilmente, os ensinamentos mais apropriados para o seu próprio caminho.

Com o desaparecimento das Escolas de Mistérios no Egito, Grécia e, finalmente, na Índia, o Tibete se converteu no último local no globo onde continuavam a existir com o reconhecimento público. Depois de ter completado com êxito o curso de quase 20 anos de treinamento dado nos mosteiros, era possível entrar nas Escolas de Mistérios, que eram os Colégios Tântricos do Tibete, de onde os Livros de Kiu-te constituíam o curso específico de estudo.

A senda para os mistérios nunca foi um segredo por ser, em primeiro lugar, o caminho do altruísmo, do serviço incondicional aos outros. Junto a isto é necessário treinar a mente, equipando-a com o conhecimento necessário, que provê uma estrutura simbólica sobre a qual é possível construir os ensinamentos de uma determinada Escola de Mistérios.

Os cinco livros de estudo profundo nos mosteiros tibetanos tocam 5 aspectos importantes:

1. A Lógica, *Pramanavarttika* de Dharmakirti, a qual se difere da lógica ocidental em seu propósito, pois consiste em aprender a verdade espiritual por meios lógicos. Por isso se desenvolve amplamente a técnica dedutiva: raciocinando do universal ao particular.
2. A Perfeição da Sabedoria, *Abhisamayalamkara* de Maitreya, que sistematiza os ensinamentos Prajnaparamita.
3. O Caminho do Meio, *Madhyamakavatara* de Chandrakirti, baseado no *Mulamadhyamaka-karika* de Nagarjuna.
4. A Disciplina: *Vinayasutra* de Gynaprapha
5. A Metafísica: *Abhidharmakosa* de Vasubandhu.

Quando se estudam os antigos textos esotéricos, os termos não deveriam ser interpretados em seu sentido literal dos idiomas ocidentais. Por exemplo, a “oferenda” pode ser interna, externa ou secreta e somente a primeira incluiria uma oferenda física real como flores e incenso. Incluso nestas se entendem, simbolicamente, como representantes de conceitos abstratos tais como a meditação e a ética. É evidente que os obstáculos para uma comunicação significativa sobre esses temas são quase insuperáveis, visto que no pensamento ocidental não se construiu uma estrutura conceitual necessária, cuja consequência natural é a carência de uma terminologia correspondente nas línguas ocidentais. O problema conceitual e linguístico se reflete exatamente no entendimento dos usos dos manuais ocultos do Tibete, os quais pressupõem um entendimento das operações internas da constituição humana. No Ocidente, os reinos invisíveis foram explorados tão pouco, que não se tem ideia do que existe ali, por isso toda tentativa de usar nossos idiomas nessas aplicações resulta em inadequação.

Além dos Colégios Tântricos, como os de Tashi-Lhumpo, existem, algumas Escolas de Mistérios dos Gelugpas mais elevadas, acessíveis depois de ter completado o curso nos Colégios Tântricos e sob o convite do abade. Estes são os Colégios do Kalachakra, que entram no zênite do esforço místico, a prática do Kalachakra Tantra é sem paralelo.

Conforme diz *A Doutrina Secreta*, o Kalachakra Tantra é a obra mais importante na divisão Gyut (rGyud) do Kanjur, a divisão do conhecimento místico. Um dos grandes Mestres do Kalachakra é Dolpopa. Dentre os Livros de Kiu-te, somente o Kalachakra veio de Shambala, no Norte. Por isso é conhecido principalmente como o Ensino de Shambala.

O termo Kalachakra significa a Roda (chakra) do Tempo (Kala), ou o Círculo Infinito da Duração, por isso é adequado que o primeiro tema a ser tratado no *Kalachakra Tantra* seja a cosmologia, assim como na Doutrina Secreta de Blavatsky. Dado que a doutrina fundamental do *Kalachakra* é a correspondência entre macrocosmo e microcosmo, a seção posterior trata do cosmos dentro do ser humano. Estas duas seções resultaram nos sistemas de astrologia e medicina esotéricas. A terceira seção é sobre a Iniciação, incluindo a Yoga Kalachakra de seis ramos. Logo após, há uma seção intitulada “Sadhana”, uma espécie de prática religiosa comum aos Tantras, à qual Blavatsky alude no artigo “Ocultismo Prático” com o nome tibetano de Dubjed. O livro termina com uma seção chamada “Jnana” que significa “conhecimento [não-dual]” ou “sabedoria”.

O ideal do Bodhisattva no Budismo Mahayana é a renúncia à própria libertação até que todos os seres sencientes tenham se libertado. Para tanto, os meios (upaya) na senda tântrica budista são descritos como uma compaixão ativa ao invés de meramente empática. Esta senda de altruísmo é apresentada em *A Voz do Silêncio*.

Então, quando se entendem corretamente os Tantras Budistas, os Livros de Kiu-te, se constatará que estão dentre os tratados mais altamente ocultos que expressam a Sabedoria Perene. Em particular, os Ensinos de Shambala presentes no Kalachakra e o caminho para Shambala se encontram somente quando se segue a senda do altruísmo mostrada em *A Voz do Silêncio*.

O termo *Dzyan*, que também se escreve “Dhyan”, “Jnana” (sabedoria ou conhecimento), “Dan”, “Janna”, tem vários sentidos:

1. Transformar-se por meio da meditação e da sabedoria.
2. Conhecimento por meio da meditação.
3. Conhecimento, sabedoria.

4. Uma corrupção do sânscrito *Dhyan* e *Jnana*: sabedoria, conhecimento divino.

5. “Gnana-Vidya” é sinônimo de “Dzyan”.

Em suma, “Dzyan” é uma corrupção tibetana de uma palavra sânscrita que é “dhyana” (meditação) ou “jnana” (conhecimento, sabedoria), visto que ambos os termos são aplicáveis.

[Texto traduzido por Bruno Carlucci, sob permissão do autor, para a seção em português do EasternTradition.org].